

Análises de fluxos turísticos em espaços urbanos: desenvolvimento e aplicação de métodos móveis em Itu (SP)

Thiago ALLIS¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a importância das análises de fluxos em espaços urbanos como forma de se entender o desenvolvimento da atividade turística, partindo do princípio de que, para isso, é imprescindível compreender o “comportamento espacial” (Edwards et al, 2009) dos visitantes de uma localidade. Para tanto, do ponto de vista conceitual, o turismo é entendido como expressão das mobilidades contemporâneas (Coles et al, 2005), tendo com anteparo a emergência de um “novo paradigma de mobilidades” (Sheller, Urry, 2006) e, no seu bojo, o desenvolvimento e a aplicação de “métodos móveis” (Urry et al, 2011). Empiricamente, é apresentada uma metodologia desenvolvida desde 2014 no âmbito de projeto de pesquisa (com financiamento do CNPq-Universal) conduzido em caráter experimental e de maneira colaborativa com várias universidades, particularmente através de dados coletados, tratados e analisados para a cidade de Itu (SP). Ainda que em pequena escala e com alguns limitantes, os resultados ancoram análises mais precisas sobre a interface entre visitantes e os espaços de um destino turístico, resultantes do registro da dinâmica de fluxos a partir de aplicação de ferramenta que associa “mídias locais” (Frith, 2015) e tecnologia da informação e comunicação para análises espaciais.
Palavras-chave: mobilidade turística; comportamento espacial de turistas; mídias locais.

1 Métodos móveis e sua aplicação para estudos de mobilidades turísticas

No campo de um “novo paradigma de mobilidades” (Sheller, Urry, 2006), entende-se que os deslocamentos turísticos se constituem por práticas pautadas pela experiência dos visitantes (excursionistas e turistas). Lembrando Urry (2006), os “tempos de viagem” são tudo menos “tempo morto”, uma vez que “há múltiplos tempos envolvidos no processo de viagem e não apenas a mensuração do tempo que as pessoas buscam reduzir ao se deslocar entre os pontos A e B” (p. 357). No mesmo sentido, Frith (2015) lembra que isso é expressão de um “mobility turn”, observado na última década, reconhecendo “o espaço como resultado de fluxos, não pausas”, daí resultando que “locais de trânsito e movimento não estão separados da construção do lugar. Sem entender como as pessoas experienciam o lugar, os pesquisadores não podem entender como a identidade do lugar é formada” (p. 18).

Assim, para além de um movimento banal, as mobilidades turísticas têm suas especificidades, sendo uma das muitas expressões das mobilidades contemporâneas. Irônico, por sua vez, é que mesmo quando se assume “fluído e dinâmico como objeto de pesquisa”, “as definições e conceitos continuam, de longe, estáticos” (Coles et al, 2005, p. 31). Disso resulta que as metodologias aplicadas acabam por reproduzir uma estas

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (EACH-USP). <http://lattes.cnpq.br/8352597486424889>. thiagoallis@usp.br.

limitações teórico-conceituais, desviando-se de entendimentos mais elaborados sobre as expressões de mobilidade turística.

Portanto, sendo os fluxos de pessoas – reconhecidos, registrados e analisados na sua unidade ou em agrupamentos – essenciais para explicar a dinâmica territorial e espacial do turismo, os chamados “métodos móveis” apresentam-se como referenciais para o fortalecimento de metodologias de pesquisa específicas ao turismo. Para Urry et al (2011, p. 7), eles são um “conjunto de métodos que, de diferentes maneiras, capturam, rastreiam, simulam, imitam, espelham e ‘vão junto’ com os vários sistemas de movimentos e experiências que parecem caracterizar o mundo contemporâneo”.

Neste contexto, a emergência das “mídias locais” (*locative media*) apontam para uma reversão nos entendimentos das últimas décadas, que sugeriam a desconexão entre indivíduos e espaços por conta do crescente uso de tecnologias. Para Frith (2015), “a internet foi concebida, no seu início, como ‘placeless’, mas os serviços de localização mostram que a informação digital é cada vez mais organizada em lugares físicos” (p. 11). Esta tendência estaria consolidada em função de três importantes movimentos: o barateamento de aparelhos celulares *smarthphones*, o desenvolvimento e a difusão da internet móvel e a proliferação da oferta e uso de aplicativos, com funcionalidades cada vez mais variadas. Tomando-se o Facebook como exemplo, a dinamização de seu uso através de telefones celulares tem feito com que as pessoas – mesmo que por vezes de maneira patológica – reconectem-se com os lugares ao difundir suas atividades, através de mecanismos de geolocalização (“check ins”) permitida pelo aplicativo para o celular, dotado de GPS.

Essa conjunção de fatores tem reconstituído as formas de organização, registro e fruição das viagens, particularmente no que se refere à integração de tecnologias de informação móveis (celular-internet-aplicativos) com a lógica das mobilidades turísticas. Assim, partindo do princípio que o fenômeno turístico se define essencialmente pelo deslocamento de pessoas (turistas e trabalhadores do setor), sua aplicação emerge como bastante auspiciosa para a compreensão das interações espaciais entre elementos móveis e os fixos. Em suma, vislumbra-se uma redefinição – desejavelmente também no campo científico – da relação entre “fixos” e “fluxos”, sem que isso signifique escamotear as inequidades geradas e alimentadas no bojo das mobilidades contemporâneas (Santos, 2004).

Neste contexto, para além de todas as aplicações em curso (comércio eletrônico, promoção turística, controles gerenciais em estabelecimentos, etc.), a aplicação de tecnologias da informação e comunicação (TIC) em interfaces com análises espaciais tem alimentado importantes reflexões e práticas que se propõem à construção de novos arcabouços metodológicos e análises mais elaboradas das mobilidades turísticas.

Asakura e Iryo (2007) apontam a importância de aplicação de métodos móveis para o estudo em turismo, lembrando que as pesquisas baseadas em questionários “nem sempre são suficientes para medir os comportamentos de viagem microscópicos em dimensões espaço-temporal”. Daí portanto a oportunidade de se usarem “tecnologias de comunicação móvel” para a “observação individual de comportamentos de viagem” (p. 684). Ahas et al (2008), por sua vez, apresentam o uso de “dados de posicionamento móvel passivo” para análises geográficas, em que os turistas são os sujeitos de referência. Assim, tendo a Estônia como espaço de análise – e não uma cidade em específico – os pesquisadores acessaram, selecionaram e organizaram dados de localização emitidos por telefones celulares, apontando corredores e espaços de concentração de turistas (entendidos como aqueles proprietários de celulares estrangeiros), bem como inferir qualificativos de suas viagens (tipo e duração de viagem por exemplo), ainda que não com a precisão de uma pesquisa por questionários. Contudo, para além de questões de privacidade – resolvidas, em parte, com a criptografia e despersonalização dos dados – o acesso aos dados é um dos maiores limitantes, tendo em vista o alto grau de competição entre as companhias telefônicas, que resistem em prover dados por ser considerados estratégicos para seus negócios e produtos.

Abordagens adicionais sobre “novos métodos para análise de mobilidades” (Weber, Bauder, 2013) – que não serão referência diretas para este trabalho – estão se desenvolvendo em várias partes do mundo nos últimos anos – Alemanha (Bauder, 2015; Ali, Frew, 2014; Weber, Bauder, 2013), Bélgica (Versichele et al, 2014), Japão (Phithakkitnukoon et al, 2015; Asakura, Hato, 2010), Israel (Shoval, 2007; Isaacson, Shoval, 2010), Austrália (Edwards, Griffin, 2013), Estônia (Tiru et al, 2013), China (Vu et al, 2015; Yang et al, 2014), EUA (Creswell, 2014), Holanda (Orellana et al, 2011), dentre outros. Contudo, no Brasil, até o momento, não foram registradas experiências neste sentido, indicando a urgência de se buscarem leituras nacionais sobre dinâmicas de fluxos, mobilidades turísticas e o uso de tecnologias de informação e comunicação – particularmente, no campo dos métodos móveis e das mídias locais.

Considerando o escopo teórico-metodológico apresentado na seção anterior, o projeto que dá respaldo para este artigo tem duas frentes de trabalho empírico (Itu/SP e Petrópolis/RJ), e ainda está em processo de consolidação (até 2017), especialmente no que se refere a uma análise comparada entre as duas cidades estudadas. Sendo assim, aqui, especificamente, serão apresentados dados coletados, tratados e analisados para a cidade de Itu (SP), em outubro de 2015.

2 Materiais e métodos

Itu, localizada a aproximadamente 100km de São Paulo (Capital), é uma das mais antigas cidades do Estado de São Paulo, reunindo, atualmente, acervo patrimonial dos períodos colonial e republicano – inclusive as memórias do movimento republicano, fortemente influenciado pela elite econômica e política paulista. A oferta turística se distribui entre as áreas urbana (patrimônio edificado, oferta hoteleira) e rural (*campings* e fazendas históricas), sendo referência para viagens de um dia para públicos da Capital e cidades médias num raio de 100 km (Campinas, Sorocaba, Piracicaba), tanto para atividades de lazer, como turismo pedagógico – em geral combinadas com visitas à vizinha Porto Feliz, como espaços de estudo do bandeirantismo. Por estar localizada numa área de forte desenvolvimento econômico, ao longo da semana, seu fluxo é fortemente definido pelo turismo de negócios.

A escolha da cidade para a realização do projeto de pesquisa se deu em função de algumas razões principais: a) ser uma cidade com fluxos e rotina turística efetivamente existentes, b) abertura e disponibilidade dos agentes turísticos locais (órgãos oficiais de turismo, associações, empresários, etc.), como suporte às atividades de campo, c) proximidade de uma das universidades participantes do projeto de pesquisa (sendo uma cidade próxima ao campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, e outro da Universidade Federal Fluminense, em Niterói). A título de registro, o motivo de não se aplicar esta pesquisa, de início, em uma grande cidade, foi o fato de ser uma abordagem experimental e sem registros no Brasil, de maneira que sua execução em cidades menores, supostamente, permitiria um maior controle e segurança, sem que isso diminuísse a perspectiva de resultados.

Para esta coleta, foram adquiridos seis aparelhos celulares (*Nokia Lumia 630 Windows Phone*) com dispositivo de GPS embutido, os quais foram equipados com linhas telefônicas pré-pagas e plano de internet móvel (3G). Além disso, um aplicativo de esportes gratuito (*Sportstracker*) foi descarregado em cada aparelho, tendo sido criada uma conta para sua operação. Este aplicativo é capaz de registrar deslocamentos, gerando arquivos, para cada “treino” (em formato .gpx), numa base georreferenciada.

Os aparelhos celulares foram distribuídos para os visitantes de Itu em vários pontos da cidade, principalmente na Praça Padre Miguel e na Central de Informações Turísticas (CIT), na esquina da Rua Barão de Itaim e da Praça da Independência. Em termos práticos, a solução por abordar visitantes e entregar os aparelhos celulares na praça se deram em função das restrições em locais mais controlados – a exemplo de meios de hospedagem, conforme as experiências de Edwards et al (2009). Tendo em vista que, no caso de Itu, a maior parte dos visitantes se confirmaram como excursionistas, sua estada na cidade era

bastante curta, sem o uso de meios de hospedagem. Contudo, como uma parte da oferta turística mais emblemática da cidade concentra-se nesta região, observou-se que ali os visitantes iniciam sua programação na cidade (depois de estacionar seus carros nas ruas próximas ou estacionamentos do entorno).

Por mais que esta sistemática implicasse em risco de perda de equipamentos (roubos ou furtos), em nenhum momento os participantes foram identificados, já que carregavam um aparelho que não os seus, tampouco seus dados pessoais foram solicitados. Este foi um princípio elementar da pesquisa, tendo em vista que, por pressuposto, a questão de privacidade e seus limites éticos foram aspectos bastante destacados pela literatura da área.

Quando da entrega dos aparelhos, o aplicativo era ligado pelos pesquisadores, que orientavam os participantes a manter o aparelho em segurança e, se fosse de seu desejo, realizar fotos². Ao final do passeio, os participantes deveriam fazer uma ligação do próprio aparelho entregue, para os números de um dos pesquisadores de campo, que iam ao seu encontro para a recuperação. Neste momento, a atividade era salva no aplicativo, pelo próprio aparelho celular. A partir disso, as rotas registradas já poderiam ser acessadas pelo site do aplicativo em um computador, utilizando-se o mesmo *login* e senha.

No momento de devolução dos aparelhos, os participantes responderam a um rápido questionário, focado na compreensão de suas experiências com o método de pesquisa, além de informações básicas de origem e formação do grupo. Também se perguntava quais os meios de transporte utilizados durante a estada – dado que esta informação não pode ser precisada com o uso de um aplicativo que não foi programado para pesquisas em turismo.

Um desafio tecnológico, neste particular, foi conseguir descarregar os arquivos registrados no aparelho pelo aplicativo, o que foi possível a partir do acesso à conta do aplicativo em um computador. Assim, os arquivos foram descarregados, um a um, e carregados novamente em um software de geoprocessamento (*ArcGisOnline*), também de acesso gratuito. Ainda que, nesta versão gratuita, o software não permita muitas funcionalidades, foi possível carregar as várias rotas registradas, sobrepondo-as em um único mapa temático e permitindo algumas análises.

² As fotos resultantes serão objeto de análise apurada, não sendo conteúdo deste artigo. Sua análise se dará tanto pelo conteúdo imagético, quando pela geolocalização, permitindo complementos para análises mais detalhadas sobre as dinâmicas espaciais dos fluxos turísticos.

3 Discussões de resultados

O carregamento das rotas permitiu a visualização da sobreposta das trajetórias de 17 visitantes (turistas e excursionistas) da cidade, em dois finais de semana em Outubro de 2015. Vale frisar que o importante não eram os detalhes dos deslocamentos de cada indivíduo, senão a formação de concentrações visíveis pelo estudo conjugados dos dados de vários visitantes.

De maneira bem ampla, observa-se, na Figura 1, uma concentração no chamado “Centro Histórico” da cidade, onde se localizam os principais atrativos culturais (Museu Republicano, Museu da Energia, Praça e Igreja da Matriz, casario histórico dos séculos XIX e XX), oferta de serviços e disponibilidade de facilidades (estacionamentos, por exemplo). Portanto, a concentração das rotas, nesta visualização por sobreposição, indica um uso intenso de pequena parcela do tecido urbano de Itu.

Se, por um lado, isso é compreensível (dada a disposição dos atrativos historicamente consolidados na cidade), por outro, haveria que se discutir os riscos de sobreuso ou estresse das estruturas e mesmo das comunidades. Itu, apesar de ser uma cidade de mais de 200 mil habitantes, mantém, em alguma medida, rotina de uma cidade pequena, de maneira que a flutuação drástica no volume de visitantes entre dias de semana e finais de semana poderia ser fator de animosidades entre grupos de visitantes e visitados. Na esfera física, deve-se destacar que, sendo uma cidade de muito antiga ocupação, as ruas centrais são bastante estreitas e, uma vez que boa parte dos visitantes chegam de carro próprio (já que são, em essência excursionistas), a confirmação de grandes fluxos na área centra deveriam geridas em função dos limitantes sociais e físicos da área.

Figura 1 – Sobreposição de rotas na cidade de Itu (SP)



Fonte: coleta de campo (Outubro/2015)

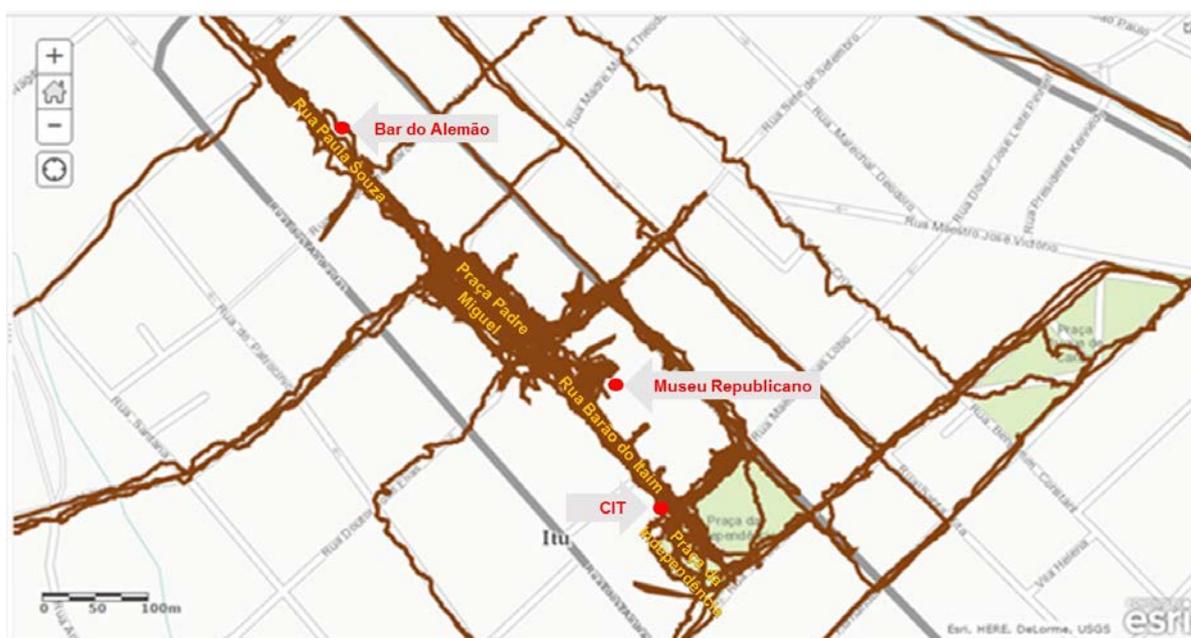
Além da concentração no Centro Histórico, os dados indicam duas centralidades isoladas: uma em direção ao Parque do Varvito, reserva geológica exclusiva desta região do mundo – daí sua importância na demanda turística; e outra no Itu Plaza Shopping, provavelmente pelas facilidades comerciais, com maior conforto e padronização, em comparação com a oferta do centro, em geral inoperante aos domingos

Outro ponto que merece destaque são as variações de rotas desenhadas entre o Parque do Varvito e o Centro Histórico. Ainda que as duas regiões sejam, em geral, de alta demanda dos visitantes, a dispersão de trajetórias varia, indicando diferenças de interação entre os visitantes e o espaço urbano. Sem desconsiderar a pequena amostra que alimenta a construção dos mapas, essas variações indicam uma heterogeneidade de padrão de deslocamentos, o que prevê elementos para análises de impacto mais apuradas para além das regiões reconhecidamente turísticas e seu entorno direto.

Era esperado que a maior concentração de deslocamentos aparecesse no eixo da Rua Paula Souza (com concentração lojas antiquários e restaurantes – inclusive o “Bar do

Alemão”, motivo de muitas das visitas à cidade), da Praça Padre Miguel, da Rua Barão de Itaim (restaurantes, Museu Republicano, hotéis, estacionamentos e Central de Informação Turística) e da Praça da Independência, na qual se localiza a Igreja Nossa Senhora do Carmo (1719), em estilo barroco e com pinturas do Padre Jesuíno do Monte Carmelo, no final deste século.

Figura 2 – Sobreposição de rotas na cidade de Itu (SP) – Centro Histórico



Fonte: coleta de campo (Outubro/2015)

Na Praça Padre Miguel, localizam-se as conhecidas representações em grande escala de uma série de objetos (telefone público, semáforo, cadeiras, etc.), além de ali estar a Igreja Matriz Nossa Senha da Candelária (1780) – cujo restauro foi concluído em 2016, com recursos do BNDES e da Prefeitura Municipal de Itu –, lojas de souvenir (que comercializam lembranças em tamanho exagerado, em geral produtos artesanais) (Figuras 3 e 4). As imagens, por mais que não seja objeto de análise neste artigo, foram registradas anonimamente por participantes da pesquisa, com aparelhos celulares do projeto.

Figura 3 – “Orelhão” gigante



Fonte: coleta de campo (Julho/2015)

Figura 4 – Igreja N. Sra. da Candelária



Fonte: coleta de campo (Julho/2015)

Retornando-se às Figuras 1 e 2, que representam sobreposições de rotas de vários visitantes de Itu, observa-se uma imprecisão do registro das trajetórias, provavelmente por cortes de comunicação entre os dispositivos móveis e os satélites que permitem a localização móvel e registro das rotas contínuas. Ainda assim, este é um problema que não inviabiliza as análises ora propostas, dado que, de maneira geral, o que se busca é identificar manchas de concentração de visitantes de uma cidade. Assim, por mais que a trajetória resulte imprecisa, de maneira ampla, as concentrações – ou manchas – vão sendo desenhadas. Por outro lado, em algumas situações, observam-se “invasões” no interior das quadras, que, para situações particulares, não representam erros de registro, senão visitas a determinados edifícios – por exemplo, o Museu Republicano, na Rua Barão de Itaim, lojas, igrejas e outros espaços internos. Este é um aspecto interessante, porque demonstra como a ocupação do espaço extrapola análises sobre o espaço público e, ao mesmo tempo, não

pode negligenciar deslocamentos que representam trânsitos entre espaços internos (privados ou públicos) e externos.

As escolhas pelas rotas – cujas motivações não foram exatamente estudadas – também representa padrões de interação entre os visitantes e o espaço urbano. Se, de um lado, as concentrações nas praças centrais são mais óbvias, de outro, os deslocamentos possíveis entre os pontos podem indicar elementos diferenciais de comportamento espacial, sugerindo movimentos objetivados (busca por serviços, atração por elementos da arquitetura, etc.) ou fortuitos (numa expressão de livre vagar pela cidade), levando a experiências que, por vezes, não são exatamente previstas no que tange à sistemática de planejamento turístico mais convencional.

A Figura 2, na porção onde se observa a Praça da Independência, também indica alguns padrões de comportamento espacial específicos. Ainda que a praça seja bastante bem cuidada em termos paisagísticos, as trajetórias expressas do mapa apontam para uma concentração na porção sul. Tendo as coletas sido realizadas em finais de semana, isso pode se explicar pela existência de uma feira de artesanato, disposta em uma das alamedas da praça. Assim, mesmo sem uma pesquisa individualizada (por questionários ou entrevistas) pode-se, de maneira preliminar e pelo padrão de movimentação dos fluxos, que a atratividade da praça está mais no aspecto comercial e artístico da feira, do que propriamente na fruição ensejada pelo paisagismo e os espaços livres. Note-se, ainda, a total ausência de trajetórias desenhadas no interior da quadra lindeira à praça, indicando nenhuma visita à Igreja Nossa Senhora do Carmo, uma das mais importantes da cidade e com importante patrimônio cultural de estilo barroco do interior paulista. Com efeito, consultas livres ao site Trip Advisor dão conta reclamações correntes por parte de visitantes buscam visitar a igreja, que, em geral, está fechada, dado um restritíssimo esquema nos horários de visitação.

4 Conclusões preliminares e desenvolvimentos futuros

A partir dos dados apresentados, como produto experimental de uma metodologia em construção e testagem, percebe-se este campo de estudo promete avanços significativos. Com efeito, em escala internacional, já são muitas experiências, nomeadamente desde o final da década de 1990 e, com mais ênfase, ao longo dos últimos 10 anos. Como no Brasil ainda são escassas pesquisas nesta área, os resultados aqui apresentados – por mais que modestos, conquanto resultantes de um projeto de pesquisa com pequeno orçamento e sem referências metodológicas anteriores – indicam que a gestão do turismo em escala urbana pode se beneficiar amplamente do uso de tecnologias

de informação e comunicação em associação com análises espaciais, numa expressão de “métodos móveis”.

Recuperando os avanços conseguidos por Asakura e Iriyo (2007), que propuseram análises e propostas de “clusterização” de áreas turísticas para o planejamento da atividade, pode-se argumentar que a pesquisa ora apresentada pode ser uma referência para a gestão do turismo em áreas urbanas. Se nos últimos anos as políticas públicas de turismo priorizaram abordagens regionais (como no programa “Roteiros do Brasil”), uma abordagem mais centrada nas particularidades dos destinos podem ter sido negligenciadas, daí porque a importância de pensar e aplicar medidas de planejamento no nível intra-urbano – tendo em vista, como se argumenta, elementos emergentes pelo lado da demanda, mas a partir de uma melhor compreensão de seus comportamentos espaciais.

O uso de cartografia temática, fartamente disponível em várias frentes disciplinares, é um caminho bastante auspicioso, desde que, como se sugere, incorpore as mobilidades nas suas práticas e procedimentos, de maneira que os mapas representem, de maneira dinâmica, a espacialização dos movimentos turísticos (fluxos). Assim, quando as pesquisas em turismo buscam estudar e representar cartograficamente os fluxos turísticos, a cartografia resultante é, em essência, dinâmica e móvel, diferente dos convencionais mapas de localização da oferta turística (que localiza pontos, com coordenadas geográficas). Claro que é bem possível captar certos movimentos pela análise destes fixos – por exemplo, a oferta hoteleira e sua territorialização no espaço urbano em distintas épocas (Spolon, 2006; Teles, 2006; Allis, 2012) – mas porções de tempo ficam restritas à implantação dos empreendimentos, e não à movimentação dos sujeitos que compõem o fenômeno turístico.

Assim, os resultados apresentados sugerem que, sem muito custo (ainda que num esforço de pesquisa bastante complexo), é possível incorporar práticas e ferramentas de análise espacial do turismo focadas na dinâmica dos fluxos, trazendo para a análise do fenômeno turístico “métodos móveis”, bastante produtivos para a compreensão do comportamento espacial dos visitantes.

As limitações mais explícitas desta pesquisa dizem respeito à abrangência e à escala do estudo. Tendo sido realizado de maneira experimental – na perspectiva de conceber e testar uma metodologia – as coletas concentraram-se em duas cidades que, apesar de serem destinos turísticos característicos, não representam a ampla diversidade de destinações nas suas diferentes ofertas, configuração geográfica, magnitude de fluxos turísticos, segmentação de públicos, etc.

Ao mesmo tempo, como esta foi uma abordagem em pequena escala, em caráter de teste, o volume de dados é reduzido, dificultando inferências mais detalhadas sobre o comportamento espacial de públicos visitantes de destinações turísticas. Como indicado nos

resultados, algumas discussões já foram possíveis – por exemplo, no que se refere à diversidade de rotas eleitas pelos visitantes e efetivamente registradas pela sistemática proposta. Em pesquisas futuras há que se buscar abordagens que permitam análise de maior escala, agregando-se, dentre outros, soluções tecnológicas capazes de, sob princípios éticos e de privacidade, tragam informações em maior volume sobre a dispersão de fluxos em destinações. Há algumas pesquisas em curso que têm se valido de dados de companhias telefônicas (Ahas et al, 2008), o que certamente permite uma ampliação de escala e impõe discussões de ordem prática (financiamento das pesquisas, tecnologia de migração e análise de dados, articulação com empresas de comunicação)

Também há que se recordar que o trabalho concentrou-se na vertente tecnológica do ferramental, ainda em desenvolvimento, carecendo, em estudos futuros, de complementos teórico-metodológico que tratem de maneira apurada das experiências subjetivas dos indivíduos. Isso pode se dar com entrevista de profundidade, à semelhança do realizado por Edwards et al (2009, 2010), bem como por análises semióticas (possíveis com os registros fotográficos já realizados pelos turistas participantes). Esta individualização – em associação com métodos móveis – poderá prover análises mais apuradas no campo psicológico e antropológico do fenômeno turístico, em paralelo com seus rebatimentos espaciais.

Referências bibliográficas

- Ahas, R. (2011). Mobile positioning. In: Urry, J.; Büscher, M.; Witchger, K. (Orgs.). (2011). *Mobile methods*. Routledge: London, p. 183-201.
- Ahas, R.; Aasa, A.; Roose, A.; Mark, Ü.; Silm, S. (2008). Evaluating passive mobile positioning data for tourism surveys: An Estonian case study. *Tourism Management*, 29, p. 469–486.
- Allis, T. (2012). *Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Asakura, Y.; Iryo, T. (2007). Analysis of tourist behaviour based on the tracking data collected using a mobile communication instrument. *Transportation Research Part A*, 41, 684–690.
- Büscher, M.; Urry, (2009). J. Mobile Methods and the Empirical. *European Journal of Social Theory*, 12, 1, 99-116.
- Coles, T.; Hall, C. M.; Duval, D. T. (2005). Mobilizing Tourism: A Post-disciplinary Critique. *Tourism Recreation Research*, 30, 2, p. 31-41
- Edwards, D.; Griffin, T.; Hayllar, B.; Dickson, T. (2009). *Understanding tourist 'experiences' and 'behaviour' in cities: an Australian case*. Gold Coast: CRC for Sustainable Tourism.
- Edwards, D.; Dickson, T.; Griffin, T.; Hayllar, B. (2010). Tracking the urban visitor: methods for examining tourists' spatial behavior and visual representations. IN: Richards, G.; Munsters, W. *Cultural tourism research methods*. CAB International, p. 104-114.
- Frith, J. (2015). *Smartphones as locative media*. Cambridge, Malden: Polity.
- Santos, M. (2004). *Natureza do espaço*. 4a. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

- Selby, M. (2004a). Consuming the city: conceptualizing and researching urban tourist knowledge. *Tourism Geographies*, 6, 2, p. 186-207.
- Selby, M. (2004b). *Understanding urban tourism: image, culture & experience*. Londres, Nova Iorque: I. B. Tauris & Co Ltd.
- Sheller, M.; Urry, J. (2006). New mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, 38, p. 207-226
- Shoval, N. (2008). Tracking Technologies and urban analysis. *Cities*, 25, p. 21-28.
- Shoval, N.; Isaacson, M. (2007). Tracking tourists in the digital age. *Annals of Tourism Research*, 34, p. 141-159.
- Spolon, A. P. G. (2006). *Chão de estrelas: hotelaria e produção do espaço urbano em São Paulo, 1995-2005*. Dissertação de Mestrado – (História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Teles, R. M. S. (2006). *Turismo urbano na cidade de São Paulo: o deslocamento do CBD e seus reflexos na hotelaria paulistana*. Tese de doutorado (Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Urry, J. (2006). Travelling times. *European Journal of Communication*, 21, 2, p. 357-372.
- Urry, J.; Büscher, M.; Witchger, K. (Orgs.). (2011). *Mobile methods*. Routledge: London.